

### **(Ilha de Marajó, 1977 — chove nos campos de cachoeira)**

O monomotor sobrevoa a Ilha de Marajó, dia encoberto, céu de nuvens, chove sem parar, somos convidados dos Steiner, Ruth e Rodolfo, vão conosco no avião.

Os Steiner, nossa família paraense — temos parentes em todas as comarcas do Brasil —, possuem fazendas em Marajó, criam búfalos, zelam pelas tartarugas. Nossa amizade se iniciou com o cruzamento de cachorros pugs, coube a Mister Pickwik, macho de nossa criação, ser de minha maior estima, comer o cabaço da mais linda cadelinha carlin, chegou donzela ao Rio Vermelho, voltou prenha para Belém — devo a Picuco e a Popota o conhecimento desses Steiner do Pará, gente de primeira.

Dádiva do rio Amazonas ao mar Atlântico, situada entre águas que se chocam e se misturam, a doce e a salgada, solo encharcado, jamais terra firme, tampouco superfície líquida, território de mangue, pasto de lama onde os pés se afundam, a Ilha de Marajó, diferente de tudo quanto eu vira. O gado pasta na planície a perder de vista.

De súbito, como se a violência da chuva o atirasse de encontro à terra, o aparelho desce sobre uma povoação construída em cima de palafitas: cabanas, casas pequenas, quase uma taba de índios. Rodolfo me diz o nome do lugar, chama-se Cachoeira, ali se desenrola a ação de romance de Dalcídio Jurandir, Ruth completa a informação: o romance de estréia, Chove nos Campos de Cachoeira.

Sei do livro, não só por tê-lo lido em originais como porque fui eu quem criou o Prêmio de Romance Dom Casmurro quando redator-chefe do semanário de Brício de Abreu. Não tínhamos dinheiro para dotação da láurea mas obtive com Omer Mont'Alegre, diretor literário das Edições Vecchi, contrato de publicação do romance vencedor e constituí júri mais valioso do que um cheque magro: Álvaro Moreyra, Jorge de Lima, Oswald de Andrade, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, já não lembro todos, júri numeroso e consagrador. Concorrendo com mais de cem candidatos, o romance de Dalcídio foi escolhido por unanimidade, o prêmio revelou ao público brasileiro um dos grandes de nossa ficção. Com Chove nos Campos de Cachoeira, Dalcídio iniciou a saga do Extremo Norte, dez volumes, dez obras primas.

O avião volta a subir, a chuva engrossa, tento abafar o medo para admirar a paisagem onde o gado pasta. Descemos na pista da fazenda, a única de cimento em toda a Ilha. Espera-nos a montaria, veículo extraordinário, canoa feita para navegar no rio, desliza em terra sobre a lama do mangue puxada por três cangas de búfalos. Saí de Marajó onde se misturam mar e rio alguns quilos mais gordo, culpados os pitéus da cozinha paraense, do pato no tucupi ao sarapatel de tartaruga. De lembrança levei comigo carga completa de bicho de pé, eu andava descalço no mangue, no pasto e no curral.